

MEMÓRIA E HISTÓRIAS ORAIS NA INFÂNCIA

Maria Lina da Silva Almeida¹

Resumo: O presente artigo pretende falar acerca de algumas histórias orais e alguns causos populares observados pela menina da roça quando pequena contada por sua mãe na zona rural do município de Água Fria (BA), destacando a sua relevância para a vida social, bem como, o seu encantamento ao ouvi-lo á sua mãe. Além das narrativas orais e os causos populares também foram feitas reflexões de alguns populares, provérbios, adivinhas, mas esses foram expostos apenas como exemplos, pois as análises principais se consistem nas histórias orais. Assim, falar das literaturas populares é abordar sobre cultura, tradição, geração, memória de um povo que continua presente desde os primórdios aos dias atuais.

Palavras-Chave: Literatura Oral. História. Memória. Infância.

INTRODUÇÃO

Em algumas zonas rurais do Brasil é muito comum terem pessoas que saibam contar diversas histórias, pessoas que não sabem ler nem escrever, mas que herdaram dos seus ancestrais narrativas orais que podem levar qualquer ouvinte para o mundo da imaginação. Pessoas de simplicidades que têm dentro de si a arte da palavra.

Portanto, é desse meio narrativo que eu resolvi trazer recordações do meu tempo de criança. Tempo maravilhoso. Passei muito tempo matutando acerca de a minha mãe saber muitas histórias orais e não ter ainda levado isso para a escrita, isto é, fatos relevantes e significantes da minha infância que pode ser

¹ Maria Lina da Silva Almeida, mestranda no curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (*Campus II*).

considerado como memória literária de um tempo que não volta mais.

Como é sabido, nasci na zona rural da cidade de Água Fria/Bahia, Fazenda Jenipapo. Nesse povoado morei por dez anos, eu, minha mãe e os meus seis. Foi lá que eu tive uma das melhores fases da minha vida, ou seja, as histórias orais contadas por minha mãe e as brincadeiras que eu brincava.

Lembro-me que durante a noite, com quatro a cinco anos de a minha mãe contar histórias e o meu irmão mais velho contar adivinhas, provérbios entre outros. Não sei de fato se os meus outros irmãos se lembram de tais histórias, mas na minha mente, essas histórias ficaram como um registro fotográfico que dificilmente irá se apagar. Como naquele tempo, meado dos anos 1990 ainda não tinha energia elétrica nas zonas rurais da cidade de Água Fria (BA) nós colocávamos as esteiras de pindoba para se sentar ao redor da nossa casa de taipa, nos períodos de “lua bonita”², para ver a minha mãe e outras mulheres contarem causos e histórias como, por exemplo, a história de *Maria Borradeira*.

Muitas das vezes, a minha mãe contavam histórias para nós sem a presença de outras mulheres, seja com a lua bonita, á luz de candeeiro ou com aquele fogo de lenha bem acesso. E entre tantas histórias, surgia a estória de *Maria Borradeira, Uma Festa no Céu, A Cigarra e Formiga, Os dois Velinhos, Marido Bom e Mulher Ruim, Jesus disfarçado de Velinho, A empregada que levava comida nas unhas para casa, o Conto do Sapo*, entre outros. Dessas rodas de conversas também surgiam *Á história do Lobisomem*.

² Significado de lua bonita. “Na fase da Lua cheia, á Terra está entre o Sol e a Lua desse, conseguimos observar a totalidade do satélite iluminado integralmente pelo Sol”. É nessa fase que durante a noite nos interiores que conseguimos visualizar seu brilho e sua claridade, assim nessa fase a noite fica mais clara. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/fases-da-lua/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

A forma pela qual eu ouvia a minha mãe contar essas histórias era muito fascinante. Ela contava de uma forma extraordinária capaz de deixar-me atenta, sem piscar os olhos. É relevante falar que essas histórias me comoviam ao ponto de ficar acordada. Acordada, pois eu dormia muito cedo. Na *história da Empregada Doméstica*, por exemplo, no meu imaginário eu pensava comigo mesma: como seria possível alguém levar alimentos nas unhas para os filhos e transformar esses alimentos em pães? A pior parte da estória é quando a patroa descobria, sendo que a partir disso, eles passam a cortar as unhas da mulher.

A minha mãe não inventava essas histórias, visto que as mesmas foram passadas de gerações a gerações. Também tinha uma senhora que era a nossa parenta, Dona Zenira que costumava frequentar á minha casa de noitinha, por volta das 17 horas para conversar com a minha mãe. Gostava muito de ouvi-la contar ás suas histórias e os seus causos. Também tem o meu irmão José que sabe contar estórias e causos, mas eu não tenho lembranças quando eu era pequena de ouvi-la contar determinadas histórias.

Lembro que o mesmo contava diverso advinhas como, por exemplo, *fui, fui, estava, estava só não trouxe porque não estava?* Trava-língua — *Pedro Pereira pediu passagens para pintar portão preto, para, para*. Ditados populares — *O cão caça como gato; bocado pouco o meu pirão é primeiro; de grão em grão a galinha enche o papo, nem tudo que balança caí*, diversos outros.

Todavia, aos 10 anos, a minha mãe conheceu o meu padrasto e formos morar na cidade. Entretanto, nessa cidade ela contava as histórias, mas não como na zona rural, lugar que eu e os meus irmãos sentávamos nas esteiras de pindoba para ouvi-la. Como foi mencionado anteriormente, a minha mãe não inventou essas histórias, segundo ela, essas narrativas orais foram passadas através dos seus pais.

Eu não sei se atualmente as crianças acostumam ouvir os senhores e as senhoras contarem histórias, causos principalmente no povoado o qual eu passei a minha infância. Acredito que os contos orais devem ser mais valorizados nos espaços culturais, como escolas, universidades e centros de culturas. Gostaria muito que uma boa parte da população, sobretudo as crianças tivessem a oportunidade de vivenciar essas histórias, de criar histórias a partir de histórias orais.

Como é sabido, contar história de escuta é lembrar-se de memória, vivenciar as histórias de vidas de personagens, dando-lhes novos significados e relacionando com novas com as realidades presentes no mundo. Afinal de conta, é para isso que a literatura serve, para relacioná-la com experiências de vidas dos sujeitos.

Portanto, nas páginas seguintes serão feitas reflexões das histórias orais e causos contados por dona Alaide, a minha mãe. Veremos quanto essa mulher consegue trazer para a literatura reflexões contribuidoras para os estudos culturais.

AS HISTÓRIAS ORAIS

Por que algumas mulheres das zonas rurais contam histórias? Tudo na vida do ser estar relacionado a um contexto ou uma historicidade. Ninguém nasce sabendo. Somos influenciados constantemente com o outro. Tudo que sabemos partiu de um meio de forma direta ou indireta. Dessa forma, as mulheres rurais contam os seus causos, suas histórias não somente porque elas gostam das suas plasticidades, como também elas foram influenciadas pelos seus ancestrais, daí vem esse desejo. Como afirma Zumthor, (1997, p. 32) “aquilo que dá margem a falar, aquilo no que a palavra se articula, é um duplo desejo: o dizer, o que envolve o teor das palavras ditas” [...].

Em suma, o sujeito cresce vendo determinado acontecimento, mais cedo ou mais tarde ele tem a probabilidade

de fazer o mesmo, assim esse sujeito dará sequência na herança cultural do seu familiar. De certa forma, há muitos sujeitos que não seguem as mesmas profissões ou culturas dos seus familiares, mas em muitos casos um filho vai copiar a cultura e profissões dos seus pais.

As mulheres também contam com intenção de alguém ouvir. Não tem como as histórias orais contadas sem alguém para ouvir, fazer trabalhos, tomando aquilo como algo que pode trazer contribuições para a sociedade.

Como dito anteriormente, as narradoras de histórias foram influenciadas pelos seus ancestrais, mas essas histórias surgem também por intermédios de vários povos. Não se sabe de fato quando e como surgiu. O fato é que a mesma foi adaptada por muitas pessoas. É por intermédio dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, estudiosos da mitologia germânica que lendas, contos são adaptados por volta do século XIX.

Contudo, a tradição oral vem se perpetuando ao longo dos primórdios nos meios rurais das cidades brasileiras, bem como em outros países, como é o caso, por exemplo, de Portugal. Entretanto, suas versões ganham características de mulheres oriundas dos meios rurais, sendo que muitas delas nunca frequentaram a escola ou receberam algumas orientações a respeito da leitura e da escrita. Como é o caso, por exemplo, da minha mãe, Alaíde, que nunca foi à escola e nunca foi orientada à prática da leitura e a escrita. A narrativa a seguir diz respeito uma história de Maria Borralheira, filha de um senhor viúvo contada por dona Alaíde, minha mãe.

Tinha uma moça que foi para o rio tratar um fato de uma vaca, aí quando ela chegou lá passou um vein-velhinho todo ferido. Aí ela disse que pegou o vein-velhinho e deu banho, deu umas tripas para ele. Aí o velhinho falou assim: Olhe tome essa varinha, quando você chegou em casa bata essa varinha no chão e peça tudo o que você precisa que essa varinha te dar. Aí a moça tratou o fato ligeiro. Foi para casa, quando chegou lá, bateu a varinha no chão, aí ela disse que a varinha deu tudo a ela. Aí tudo

que ela pediu a varinha, a varinha deu. Um dos pedidos foram um cavalo arriado, roupa, calçados, etc. Sendo que a mãe, pai e as irmãs estavam na missa. Ela se arrumou, montou no cavalo e foi danada para missa, quando chegou lá, aí disse que tinha uma irmã dela e a madrasta. A irmã de Maria Borracheira disse: Mãe, mãe, ali tem uma mulher que é toda Maria Borracheira. Aí a mãe respondeu: *Tu é doida*. Maria Borracheira ficou na cinza, como é que ela está aqui. A filha disse: Não mãe, Maria Borracheira é aquela. Quando a missa acabou, Maria Borracheira montou no cavalo, e foi embora. Quando a madrasta e a sua irmã emprestada chegaram em casa, Maria Borracheira estava na cinza, aí a madrasta falou: Maria, tua irmã disse que tinha uma mulher na missa que era toda tu. Maria Borracheira disse: eu não. Eu não sair daqui, como é que eu poderia estar lá? Passando esse domingo, no próximo foram todos para missa. Aí a mãe e suas irmãs colocaram um porteiro na porta da igreja para olhar se era Maria Borracheira. Aí quando elas estavam todas na missa chegaram a mulher, aí elas pegaram olhar para a mulher e admirar. Se Maria Borracheira ficou em casa, como é que aquela poderia ser ela? Aí disse que Maria Borracheira estava ali observando a missa e tudo. Quando a missa terminou, ela montou no cavalo e foi embora. Aí quando chegou em casa, olhe a mãe falando novamente que tinha uma mulher parecida com Maria Borracheira. Ela calou a boca e não disse mais nada. Aí é vem outro domingo, elas tornaram ir para a missa. Aí o cavalo de Maria Borracheira dessa vez, veio pingando ouro mais ainda. Quando elas estavam na missa que chegou Maria Borracheira, o porteiro bateu o portão, ficou o chinelo. Aí Maria Borracheira não procurou pelo chinelo não. Quando chegou em casa, que tornaram falar, Maria Borracheira não respondeu nada. Aí vem o porteiro em casa em casa, testando os pezes que o chinelo cabia. A mãe disse: Maria Borracheira, aqui tem um homem aqui para ver se um sapato que ficou na igreja cabe em teu pé. Maria Borracheira também entrou para dentro de casa, quando saiu á casa brilhou ouro. Aí botou o sapato no pé e coube. Aí a irmã falou: ô, Maria Borracheira, o que tu vai fazer, Maria Borracheira o que tu vai fazer, que tu ficou rica. Me ensina, Maria Borracheira. Maria Borracheira disse: Foi o meu porco, que eu matei, fui para o rio tratar, e lá passou um velhinho, que ela pegou uma vara e correu atrás do velho e colocou os cachorros. A outra irmã disse: Amanhã domingo, vou matar o meu porco que é para eu tratar o fato lá no rio: Disse quando vem o velhinho a sua irmã fez a mesma coisa. Oxe, a sua irmã ficou pobre e na pior.

Pode ser destacada na narrativa a inveja que as irmãs emprestadas de Maria Borralheira tiveram após verem ela rica, sendo que elas não esperavam que Maria Borralheira pudesse ficar com status sociais mais do que elas. Logo ela que era vista como coitada e inferiorizada pelas suas irmãs, sendo que de uma hora para outra ela se tornou uma figura importante, invejável no seu ambiente familiar e na cidade a qual ela morava. Outro aspecto observado refere-se à zona rural, local o qual a narrativa é vinculada, como falamos anteriormente, muitas histórias orais são referenciadas das comunidades rurais.

Como pode observar também na narrativa acima são perceptíveis os traços da oralidade presente em todo o seu percurso, sendo esse signo literário muito presente seja nas fábulas, nos causos populares e nos adivinhas. Como o próprio nome sugere estamos diante de algo totalmente oral, oriundos dos meios rurais. Apesar de a modernidade trazer algumas formulações, novos equipamentos, como no caso de microfones, câmaras digitais, computadores, entre outros. Sendo assim, não há literatura oral sem o uso da oralidade, pois a sua característica marcante é a voz.

Segundo Élide Luciane Vieira de Andrade (2014, p. 9) “A literatura oral brasileira sofreu influência a partir das tradições herdadas dos povos indígenas, africanos e portugueses, que ofereceram uma mistura de conhecimentos populares e histórias” [...].

Como a nação brasileira é formada a partir de várias etnias, tais como; africanos, português, indígenas, italianos, entre outras, as histórias orais podem ter herdado a influência desses povos, como dito acima. Como isso, as histórias podem ter várias versões. Possivelmente, as histórias orais contadas por dona Alaide serão diferentes de outras regiões.

Na narrativa acima é notável também alguns desvios gramaticais, isso acontece devido ao uso da oralidade, pois até

mesmo quem frequenta a escola, uma vez ou outra forje da norma culta como, por exemplo, o pronome de tratamento *tu* citada na narrativa, que na escrita fica *tu és*, assim sucessivamente.

De maneira geral, embora muitas pessoas sejam inflexíveis aos julgamentos da literatura oral, isso não tira o seu valor literário, pois a sua essência é comovente para muitos professores da escola básica, bem como universitário que levam para as suas aulas esse conteúdo, também fazem pesquisas acadêmicas.

Conforme Zumtor (1997, p. 27) “é inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhe os traços que contratam como escritura. Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é recebido como uma lacuna”. [...]. Essa lacuna pode estar relacionada à falta de leituras de livros, ou seja, a mesma pode ter surgido para suprir tais carências ou simplesmente por entretenimento. Ainda conforme Zumtor (1997, p. 27) [...] “como é impossível conceber realmente, intimamente, o que pode ser uma sociedade de pura oralidade (supondo que possa ter existido algum dia!), toda oralidade nos aparece mais ou menos como sobrevivência, rememora de um antes, de um início, de uma origem”.

Portanto, a falta de conhecimento para com a literatura oral é pauta num conceito preconceituoso de analisá-la a literatura como algo menor. Como o autor afirma, toda a oralidade surgiu de um meio, pertence a um contexto histórico.

Todavia, outra estória oral contada por dona Alaide que continua presente até hoje é *Uma Festa no Céu*.

Certa vez, disse que teve uma grande festa, aí juntaram os passarinhos tudo, mas o cágado e a coruja não ia que era toda nua. Aí a coruja saiu em passarinho, passarinho, tomando as penas colocando nela. Até quando ela se vestiu, até chegar à festa. Ela disse para os passarinhos que quando ela voltasse da festa desenvolvia as penas. Por isso que ela escondida de noite, senão não passarinho mata. Aí, juntaram tudo e o cágado disse era para o amigo urubu levar ele na viola. Aí o cágado disse: Também o

amigo urubu também tá fedendo. Ele também calou a boca, quando foi para ir à festa no céu, ele disse: Também eu não te levo, que tu disse que eu estava era fedendo. Aí quando cegou o dia para ir, o cágado entrou dentro da viola e o urubu não viu, quando chegou todo mundo lá no céu, que o urubu botou a viola de cima da cama. Quando deu fé, que tá para tocar, o cágado saiu de dentro da viola. Aí o amigo urubu disse assim: ô, cágado, como foi que tu veio? Que tu chegou aqui? O cágado respondeu: eu cheguei foi dentro da tua viola. Entrei e tu não viu. Aí o urubu disse assim: tu num vai mais eu. Ele disse, eu vou é mais tu. Aí quando acabou a festa com três dias, ele sumiu, sumiu e o urubu foi na viola, encontrou. Aí ele disse que ia jogar o cágado de lá do céu. Ele disse: não me jogue não ele que morre. Aí ele disse: eu jogo. Num jogue não, me leve novamente. Ele pegou por posta. O Urubu pegou dentro da viola e jogou. Aí ele foi cantando. Leu, leu pra nunca mais festa no céu. Caiu em cima da pedra, quebrou. Nossa Senhora apanhou emendou, bem emendadinho. Espia que ele não tem um casco.

Como as histórias orais foram passadas de geração a geração, é muito comum nós depararmos com uma mesma história com versões diferentes, pois muitas dessas histórias sofrem influências conforme as suas regiões. Mas apesar das suas versões, as mesmas não perdem os seus sentidos. Notamos no decorrer das narrativas orais que as narradoras, reinventam e colocam outros elementos nos seus textos, dando mais detalhes e contextualizando os seus próprios discursos como, por exemplo, o violão do urubu guardado sobre a cama após chegar ao céu.

Para tanto, não podemos deixar de falar também a lição de moral que o urubu dar na tartaruga, bem como a esperteza que ela tem de entrar no violão do urubu.

Conforme, Edil Costa (2015, p. 11), “os contos de Perrault retornam inevitavelmente à tradição oral, o que permite, além de inúmeras possibilidades de inovações, que se aglutinem à tradição corrente em cada lugar aonde chegam, instalando assim um processo infinitamente intertextual e intervocal, que torna cada vez mais difícil estabelecer filiações”. Com isso, nota-se que as inversões que as narradoras colocam nas histórias orais já vêm de

influência de um meio de um histórico que permite de certo modo outros perfis e outras maneiras de saber contar.

Todavia, essa e outras literaturas populares ganham formas e novas possibilidades por serem transmitidas ao longo da história, e por serem muito abrangentes os estudiosos não conseguem dar uma definição mais exata do que é literatura popular. Segundo Paul Zumthor, (1997, p. 21) [...] “até o momento, o estudo em questão ainda não se libertou dos pressupostos implícitos nos termos folclore ou cultura popular: termo bastante vago e que podem ser aplicados, parcialmente ao meu objeto de estudo se estiverem subordinados a uma definição de oralidade que os ultrapasse, ao englobá-lo”. [...].

Diante dessa reflexão feita pelo autor, à literatura oral por ser muito abrangente não tem definição exata, além disso, não existe uma única definição sobre o que é literatura, contudo, estudiosos afirmam haver diversas definições para a literatura, tornando-a mais abrangente.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional, ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que de folclore, lenda, chiste, até a forma mais complexa e difícil da produção escrita das grandes civilizações (CADIDO, 2011, p. 176).

Desse modo, não existe uma definição exata para a literatura, mas sim definições. Como dito anteriormente, existe literatura indígena, oral, negra, cordel, portuguesa, africana, infantil, juvenil entre outras. Agora imagine que várias pessoas leiam determinado livro e essas mesmas pessoas interpretassem o que leram, então seria difícil dizer que existe uma única definição para literatura. Vale ressaltar que o livro é uma obra aberta que jamais pode ter uma única definição. O livro é um sistema aberto, uma árvore com vários galhos, por isso não há uma definição exata, além disso, se a mesma pudesse ser definida por uma única definição, ela deixaria de ser literatura.

Portanto, a literatura oral assim como qualquer outra possuem inúmeros significados para cada imagem presente no texto, por isso ninguém pode dar-lhe um único significado. Assim, entender literatura oral, é entender um contexto histórico que a mesma fora perpetuada, como ela surgiu em determinada época.

CAUSOS

Um dos causos que eu ouvia a minha mãe contar eram os causos acerca do lobisomem. Quando pequena eu acreditava em lobisomem, até porque a forma pela qual a minha mãe contava e conta é comovente, fazendo com que muitas pessoas acreditem, inclusive as crianças. Entretanto, na adolescência fui percebendo que o lobisomem é simplesmente causos inventados de outras pessoas, que por alguma circunstância se deparam com algo estranho nas suas casas á noite ou em outros lugares. Além do mais, como é possível um ser humano virar lobisomem ou qualquer outra coisa? Mas para muitas pessoas e a minha mãe isso é possível, como denota os causos a baixos:

1-caso: Havia uma mulher chamada Ermínia que estava parida de uma menina, aí de noite veio o lobisomem para querer comer a sua filha. Mané, o dono da casa que era sabido, veio com a espingarda de cartucho, atirou no lobisomem. Não se sabe se o tiro acertou, mas o bicho sumiu. O lobisomem é virado de gente. Naquele tempo, o homem virava lobisomem na cama do cavalo russo. Na frente da casa de Gregório, um senhor da região, o cavalo espojava lá, eu e outras pessoas seguiam o rasto do lobisomem para ver de onde surgia.

2-caso: Tinha uma mulher chamada Regina, que ia lá para casa dormir. Era de costume todas as noites, vir o lobisomem para querer lhe comer. Teve uma vez, que ele veio, sendo que esse lobisomem era da Rua de Água Fria/Ba, puxou seu cabelo pelo buraco da porta, Regina começou gritar, me acode, me acode. O lobisomem saiu correndo em direção á casa da finada Nega, passou na casa do meu pai, os cachorros correram atrás, foi em

direção à casa de Florentino, foi para outra região, chamada Lagoa Grande, e de lá sumiu.

Antes de comentar sobre os causos acima é relevante trazer o seu significado. Conforme o dicionário “on-line” de língua portuguesa *causo* significa relato curto de um acontecimento; conto, etc.

Como é sabido, existem diversos personagens do folclore brasileiro, tais como; lobisomem, Saci Pererê, a Mula sem cabeça, e diversas outros. Vale ressaltar, que há muitas versões para o surgimento do lobisomem. Com base em estudos levantados, *A lenda do lobisomem* por Marisa Seara (2013), “numa família tem sete filhos, o oitavo nascer homem, este está com o castigo de virar lobisomem. O menino nasce magro, pálido, orelhas grandes. A Maldição completa quando ele faz treze anos. Na primeira noite de sexta feita”.

Todavia, no causo contado por minha mãe, dona Alaide, para um homem virar lobisomem, basta o mesmo deitar na cama do cavalo russo, já para Marisa Seara, o causo do lobisomem surgiu pelo fato de uma família ter sete filhos, daí o próximo sai com esse destino. Como isso se trata de uma lenda, dado que em vários lugares do Brasil terão pessoas contando de versão diferente.

Conforme Almir Ricardo Pereira da Costa (2014) “[...] há muito mais histórias contadas do que escritas. Além disso, a população é tentada a variá-la a seu modo, o que faz a lenda variar de uma região para outra. Uma dessas histórias conta que começou em certa noite de lua cheia quando um homem estava passeando pela vila e de repente avistou um lobo que o atacou ferozmente”.

Com isso, as narrativas orais, assim como os causos populares são passadas de região para região com versões deferentes.

CONCLUSÕES

A partir do artigo apresentado foi possível refletir acerca da literatura oral e causos observados pela menina da roça enquanto criança, tendo como narradora a sua mãe, bem como os advinhas, provérbios, travas-línguas contados pelo seu irmão.

Todavia, por meio do texto, apresentado também é possível identificar que a literatura oral contada por dona Alaide persiste na memória da sua filha, sendo que isso é preservação de uma tradição cultural.

O patrimônio cultural, herdado pela filha dessa contadora de histórias ganhará força e vitalidade, fazendo com que essas riquezas sejam contadas para outras gerações. Portanto, a literatura oral é fruto de um contexto histórico que continua presente em várias partes do Brasil e em outros países, a exemplo de Portugal. Assim, literatura oral é vida, é memória, tradição de um povo, povo esse que continua contribuindo com as suas narrativas para os espaços educacionais e culturais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Élida Luciane Vieira de. A literatura oral nas vertentes dos estudos dos contos populares na Amazônia. *Revista EXITUS*, vol. 4, núm. 1, enero-junio, 2014, p. 169-179. Universidade Federal do Oeste do Pará Santarém, Brasil.

COSTA, E. S. Narrativas orais na contemporaneidade: conexões e fissuras. *Revista da Cultura*, Belém-PA, Ano 2. JAN-JUN 2015, n.2, p. 5-20.

COSTA, E. S. *Cinderela nos entrelace da tradição*. Salvador: EGBA, 1998.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Cinderela*. Trad. Dante Pignatari. São Paulo: Ática, 1996.

SEARA, Marisa. *A lenda do lobisomem*. Disponível em: <https://www.slideshare.net/marisaseara/a-lenda-do-lobisomem/2>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "Literatura" Medieval*. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cosac Naify, 2007.